www.jb.com.br

JB

Idéias &Livros

1

JORNAL DO BRASIL

SÁBADO
23 DE JUNHO DE 2007
ideias@jb.com.br

A Pedra do Reino
Um grande clássico de um dos maiores mestres da literatura brasileira
Ariano Suassuna
Tel.:(21) 2585-2071 JOSÉ OLYMPIO EDITORA



Siga as pistas do romance policial

Gênero literário mais consumido no mundo sofre revoluções e pequenas mudanças de comportamento – mas segue matando

Alvaro Costa e Silva

Até os inocentes sabem que o romance policial – gênero literário mais consumido no mundo – sofreu uma revolução na primeira metade do século 20: saiu dos gabinetes e passou a sujar a mão nas ruas. Mudaram a linguagem e, sobretudo, o detetive, que deixou de ser um esnobe para virar um durão. Hoje parece não haver lugar nem para um tipo nem para o outro. Na produção atual, cabem todos os comportamentos imagináveis, até os mais comezinhos. Se você tem algo a esconder, cuidado: um detetive, ou um cara que tem outra profissão mas faz uns bicos como detetive, pode estar a seu lado no metrô, sem dar a menor pinta de cultivar orquídeas ou usar gabardine.

Entre 1880 e 1930, imperou o romance policial clássico, produzido pelos ingleses. Veneno era a maneira predileta de matar. Foi o tempo dos detetives figuraças, os quais, com raras exceções, não levantavam da poltrona para resolver os crimes. Estes ocorriam numa bela casa de campo, de preferência na biblioteca, e o culpado era o cara que tinha cara de mordomo. Ou era alguém que, ao pular e quebrar a janela, deixara na grama pegadas do tamanho das de um mamute.

Dessa época, os melhores detetives são Sherlock Holmes (criação imortal de Conan Doyle que venceu a enquete de melhor detetive de todos os tempos promovida pelo *Idéias*), Ellery Queen (Frederic Dannay e Manfred B. Lee), Nero Wolfe (Rex Stout), dr. Gideon Fell (John Dickson Carr), Hercule Poirot e *miss* Jane Marple (ambos de Agatha Christie), Philo Vance (S. S. Van Dine), *lord* Peter Winsey (Dorothy Sayers), padre Brow (G. K. Chesterton), cujas histórias ainda podem ser lidas com prazer – mais pela atmosfera que pela trama. Em tempo: Maigret, do genial Simenon, é um caso à parte.

Quando apareceu, em 1930, no romance *O falcão maltês*, Sam Spade marcou a diferença. Não que o escritor Dashiell Hammett, seu inventor, tenha revolucionado o gênero com ele. Antes, em fins dos anos 20, Hammett já havia criado um outro detetive durão que leva o nome da agência onde trabalha, Continental Op (ou Op, para os íntimos) – este, sim, o primeiro detetive *hard-boiled*. Mas Sam Spade, com seu jeito cínico e amoral, tornou-se inesquecível, principalmente depois de encarnado nas telas por Humphrey Bogart. Com a entrada em cena de Philip Marlowe, que protagonizou *O sono eterno*, de 1939, e outros seis romances escritos por Raymond Chandler (um discípulo que superou o mestre Dashiell Hammett), a literatura policial mudou de vez. Para melhor.

Não se está falando, claro, das centenas de imitadores (o melhor foi Lew Archer, de Ross Macdonald; o pior, Mike Hammer, de Mickey Spillane) que surgiram no rastro. Geograficamente, trocou-se Londres e as pradarias inglesas pela costa oeste norte-americana. Sam Spade trabalha em São Francisco; Philip Marlowe, em Los Angeles. As duas cidades, tão indispensáveis aos romances como ruivas, só foram desbancadas anos mais tarde, quando Elmore Leonard pôs Detroit no mapa. Atualmente, a cidade do crime é Boston, onde mora a dupla de detetives Patrick Kenzie e Angela Gennaro, com que Dennis Lehane – um dos escritores convidados à Flip de julho – faz uma homenagem a Nick e Nora Charles, um sofisticado casal criado por – adivinha quem? – Dashiell Hammett em seu último livro.

Na primeira cena de *O homem magro*, de 1934, Nick está encostado ao balcão de um *speakeasy*, como eram chamadas as espeluncas clandestinas que vendiam bebida durante a Lei Seca. Matthew Scudder, o melhor detetive em atividade hoje, até entraria num lugar desses, se estivesse atrás de uma pista, mas jamais provaria o uísque falsificado. Scudder é alcoólatra.

Eis aí uma mudança e tanto. Como seus criadores, Spade e Marlowe bebiam à vera e, se continuassem na mesma batida, certamente teriam problemas de alcoolismo fora dos livros, como tiveram Hammett e Chandler. O escritor Lawrence Block, que já publicou 16 romances com Matthew Scudder, alguns deles já traduzidos no Brasil, evita tocar no assunto, mas o fato é que o personagem parou de beber quando o autor parou. Entraram ambos nos Alcoólicos Anônimos.

Scudder largou o Departamento de Polícia de Nova York devido ao alcoolismo. Trabalha como frila e namora uma garota de programa. Vai levando com as sessões do AA, das quais não se afasta nem se estiver enredado no caso mais brutal: "Os que assistiam à reunião estavam limpos e sóbrios, ou tentando. Os do lado de fora, na rua, estavam com o pé na beira do mundo e escorregando".

Conheça a nova safra do romance noir, com heróis de carne e osso PÁGS. 4 E 5

Melhores detetives de todos os tempos na opinião de 20 experts PÁG. 8

CYAN MAGENTA AMARELO PRETO

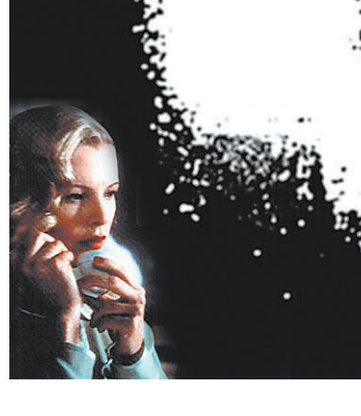
LITERATURA NOIR ■ Para escapar ao esgotamento e continuar entretendo os le

Novos detetives se comportam como mortais

CASAMENTO QUASE TIRA O SENSÍVEL PHILIP MARLOWE DA ATIVA

NOS ANOS 60, HOUVE MAIS UMA MUDANÇA DE RUMOS NO GÊNERO

MCBAIN CRIOU MAIS DE 50 LIVROS DO 87º DISTRITO



Alvaro Costa e Silva

Nick Charles é um ex-detetive que abandonou a profissão para casar-se com Nora. A tranqüilidade do casal, que vive num luxuoso hotel de Nova York, tendo como companhia a cachorrinha Asta, uma *schnauzer* legítima, é abalada com uma morte misteriosa, a qual repõe Nick em contato com malandros, donos de boate, gigolôs, advogados desonestos e outros elementos do submundo do crime. O *plot* deixa claro que *O homem magro*, o último romance escrito por Dashiell Hammett, só existe porque o equilíbrio foi quebrado. Nick, Nora e Asta queriam mais é ficar na deles, tomando champanhe.

Quem também aparece casado em *Poodle Springs* – obra que Raymond Chandler, ao morrer em 1959, deixou inacabada, com apenas quatro capítulos; em 1989, a história foi completada pelo escritor Robert B. Parker – é Philip Marlowe. A premiada é uma grã-fina, Linda Loring, que o detetive levara para a cama no seu penúltimo livro, *O longo adeus* – a primeira vez que ele fazia isso num romance! Enfim amarrado, Marlowe não precisa mais dos famosos 25 dólares, mais despesas, que cobrava por dia, e resolve abandonar a profissão. Até que... Em *Poodle Springs* foi o inesperado, de novo, que denota a ação.

Donde os mais apressados poderiam concluir que o romance policial, ao entrar na década de 60 do século passado, estava prestes a virar presunto. Neca. Estava, mais uma vez, mudando de rumos. Antes, a não ser pelas excentricidades dos detetives ingleses e pelas pequenas pistas que Spade e Marlowe deixavam nos becos – o primeiro não andava armado, o segundo usava um Smith & Wesson – pouco ou nada se sabia da vida particular dos investigadores. É por aí – como já vimos no caso do alcoólatra Mattew Scudder – que os novos autores vão seguir. Daqui para frente, a trama de mistério valerá tanto quanto a dor-de-cotovelo que porventura o herói estiver curtindo.

Um dos primeiros a adotar o expediente bisbilhoteiro foi Ed McBain, o pseudônimo mais conhecido do escritor Salvatore Lombino ou Evan Hunter, morto em 2005, e que também atendia por Ezra Hannon, Curt Cannon e Richard Marster – bastava chamar. Só a série que se passa no 87º distrito policial de uma cidade imaginária (misto de Nova York, Los Angeles, Chicago e Miami), assinada por McBain a partir de 1956, rendeu mais de 50 romances – no Brasil, saíram *Viúvas*, *Beijo*, *Metrópole do medo*, *Grana, grana, grana*, *A última dança*, entre outros. Neles, os policiais não se fiam em superpoderes, são homens simples que combatem o crime, e têm de enfrentar os dramas familiares de toda a gente. Os tiras que mais vezes aparecem nas histórias são o ítalo-americano Steve Carella, o negro Artie Brown, o judeu Meyer-Meyer, o inglês Bert Kling. Recentemente publicado na Coleção Negra, da Record, a coletânea *Mulheres perigosas* abre com um conto de Ed McBain, "Improvisação", que é uma obra-prima.

Clássico moderno

Como Evan Hunter, Elmore Leonard, nascido em Nova Orleans em 1925, é um novo clássico do romance policial. Queridinho do cineasta Quentin Tarantino, que fez o filme *Jackie Brown* a partir do romance *Ponche de rum*, escreveu também centenas de roteiros para o cinema. Seus personagens são anti-heróis e criminosos que esbanjam simpatia. Sua linguagem é o fino, rápida e rasteira. De Leonard, a Rocco publicou alguns excelentes títulos, como *Maximum Bob*, *Pronto*, *Cárcere privado*, *Nada a perder*, e alguns de seus faroestes escritos no início da carreira, *Valdez vem aí*, *Hombre*, *Quarenta chibatas menos uma*.

Safra atual

O policial vai muito bem, obrigado. Além de Lawrence Block, autor da série com Mattew Scudder, e Dennis Lehane, de quem Clint Eastwood adaptou para as telas o romance *Sobre meninos e lobos*, uma nova turma mantém sempre a bala na agulha. O principal é James Ellroy, que escreveu, a partir da década de 80, os mais estranhos livros do gênero: *Los Angeles: cidade proibida*, *Dália negra*, *Jazz branco*, *O grande deserto*, *Tablóide americano*, *Seis mil em espécie*, todos publicados pela Record. Seu estilo lembra o corte de uma navalha Solinger: verbos são comidos, frases somam quatro palavras.

Outra fera é Michael Connely, que abandonou a carreira de repórter para dedicar-se à literatura, como muita gente. Mas, como poucos, obteve sucesso com os livros estrelados pelo detetive Hieronymous Bosch. Não menos fascinante é o vilão que se auto-intitula o Poeta, e vai deixando versos a cada cena de crime. No Brasil, Connely é editado pela Record: *Cidade dos ossos*, *Mais escuro que a noite*, *O vôo dos anjos*, *Luz perdida*.

O escocês Ian Rankin é uma bela surpresa que só recentemente chegou ao país, com a tradução pela Companhia das Letras de *Questão de sangue*, que parte de um problema dos mais atuais: tiroteio dentro de uma escola. É a deixa para que políticos inescrupulosos e jornalistas em busca de fama a qualquer preço roubem o macabro espetáculo. O fio condutor é o detetive John Rebus, que virou série na BBC. O cara, imagine só, é fã do Sepultura.



Os gays

Nos policiais de Lev Raphael, quem investiga é um professor univesitário, especialista em Edith Wharton. Até aí nada demais, pois são muitos os detetives amadores ou por acaso. Psicanalistas, livreiros e jornalistas há aos montes. O mais desconcertante é que Nick Hoffman é assumidamente gay. De outros a gente pode até desconfiar, mas deste temos certeza. Em meio à investigação, Nick troca figurinhas à mesa com seu companheiro, outro professor de letras, entre uma pasta *puttanesca* e um *penne* com majerona e tomate. O bofe cozinha divinamente.

Gay também, só que do sexo feminino, é Lucy, a sobrinha-ajudante da patologista forense e legista Kay Scarpetta, criada pela escritora Patrícia D. Cornwell, cujos livros são publicados pela Companhia das Letras. Há quem goste.

Depois de Eco

À publicação de *O nome da rosa*, em 1980, seguiu-se a praga do suspense erudito e histórico. Que, no auge da devastação, gerou os códigos que estão por aí. Umberto Eco devolveu-nos o prazer de ler histórias, não é o culpado. Pena que seus muitos imitadores não lhe tenham a metade do talento. C. J. Sanson escapa à pecha, com o romance *Dissolução*, no qual apresenta o advogado Mattew Shardlake, conhecido como "o corcunda mais esperto da Inglaterra". A ação se passa quase toda num covento – onde mais? – durante o inverno de 1537, quando os ingleses se dividiam entre os fiéis à Igreja Católica e os leais ao rei Henrique VIII e à recém-instituída Igreja Anglicana. Do autor, com o mesmo personagem, acaba de sair *Fogo negro*, que fica alguns furos abaixo do primeiro.

Essa moda pós-Eco deu também numa enxurrada de romances em que personagens célebres são os detetives. Guilio Leoni escolheu Dante Alighieri e seus livros, publicados pela Planeta, são interessantes. Mas fuja dos que escalam Edgar Allan Poe, numa homenagem de trampolim àquele que muitos têm como inventor do gênero policial. Por fim, um livro de título horrível editado pela Suma de Letras, *A árvore dos janízaros*, de Jason Goodwin, traz como cenário o Império Otomano em 1836 e, por incrível que pareça, um detetive eunuco. Contra todas as expectativas, é bom.

Os esquerdas

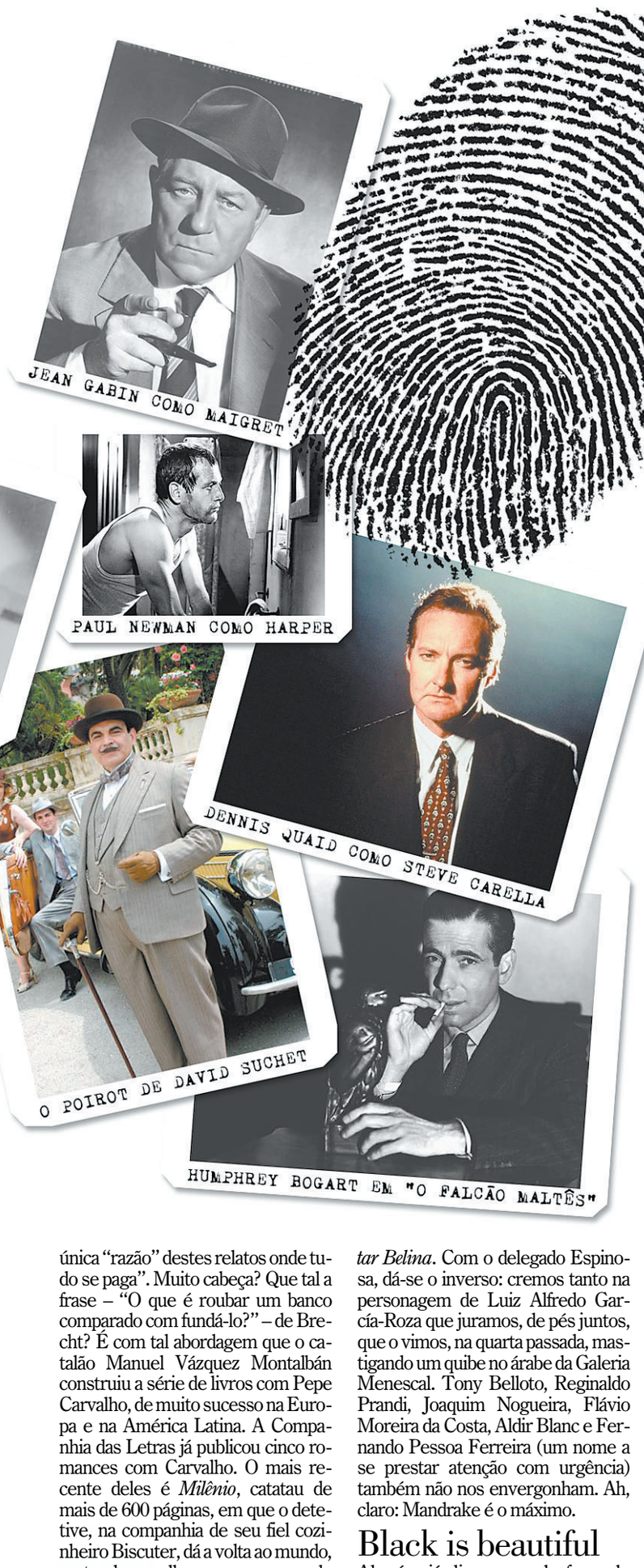
Num pequeno ensaio sobre o romance policial, o escritor argentino Ricardo Piglia afirma que "o único enigma que os romances da série *noire* propõem – e nunca resolvem – é o das relações capitalistas: o dinheiro que legisla a moral e apóia a lei é a

JORNAL DO BRASIL

Idéias&Livros 5

SÁBADO, 23 DE JUNHO DE 2007

eitores com crimes, gênero se humaniza e cria subdivisões



única "razão" destes relatos onde tudo se paga". Muito cabeça? Que tal a frase – "O que é roubar um banco comparado com fundá-lo?" – de Brecht? É com tal abordagem que o catalão Manuel Vázquez Montalbán construiu a série de livros com Pepe Carvalho, de muito sucesso na Europa e na América Latina. A Companhia das Letras já publicou cinco romances com Carvalho. O mais recente deles é *Milênio*, catatau de mais de 600 páginas, em que o detetive, na companhia de seu fiel cozinheiro Biscuter, dá a volta ao mundo, metendo o malho, sempre que pode ou não pode, na globalização.

Morto em 2003, Montalbán fez escola. Seu melhor seguidor é o italiano Andrea Camilleri, um artesão de mão cheia cujo personagem principal chama-se Montalbano (mais explícito, impossível). O cubano Leonardo Padura Fuentes é da mesma turma. Na contramão deles, outro cubano, o dissidente José Latour, que estragou a trama de *Camaradas em Miami* com os cansativos ataques anticastristas.

Prata da casa

Quando nossos detetives se chamavam Pereira ou Barbosa, os leitores torciam o nariz, achando-os pouco confiáveis. A exceção era o velho Leite, o delegado que Luiz Lopes Coelho criou para três livros de contos: *A morte no envelope*, *O homem que matava quadros* e *A idéia de matar Belina*. Com o delegado Espinosa, dá-se o inverso: cremos tanto na personagem de Luiz Alfredo García-Roza que juramos, de pés juntos, que o vimos, na quarta passada, mastigando um quibe no árabe da Galeria Menescal. Tony Belloto, Reginaldo Prandi, Joaquim Nogueira, Flávio Moreira da Costa, Aldir Blanc e Fernando Pessoa Ferreira (um nome a se prestar atenção com urgência) também não nos envergonham. Ah, claro: Mandrake é o máximo.

Black is beautiful

Alguém já disse que ele fez pelo Harlem o que Raymond Chandler fez por Los Angeles. Chester Himes, que, antes de em sua terra natal, despertou interesse nos cafés da margem esquerda do Sena, em Paris, nos anos 50, onde por lá davam as caras Sartre e Boris Vian, é o criador de Jones Coveiro e Ed Caixão. São dois tiras escolados, que se viram entre assassinos, pregadores religiosos, belas prostitutas negras, falsificadores de dinheiro, jogadores e trapaceiros, fauna invisível que circunda a grande nação americana branca e poderosa que termina na 96th Street, exatamente onde começa o Harlem. Himes tornou-se escritor enquanto cumpria pena por roubo à mão armada. A L&PM tem republicado seus livros em novas traduções: *O Harlem é escuro* e *A maldição do dinheiro*.

O principal seguidor de Chester Himes, no que se pode chamar de literatura policial negra, é Walter Mosley. Só que, ao contrário de seu antecessor, Mosley bota seu personagem para agir em Los Angeles. Easy Rawlins, um operário negro nascido no Texas, volta da Segunda Guerra e vai para a cidade se virar fazendo favores à margem da lei. Acaba tornando-se detetive particular. Easy é violento, melancólico e sensual (no cinema, foi interpretado por Denzel Washington). Há três livros com ele na Coleção Negra: *Uma morte em vermelho*, *Uma volta com o cachorro* e *Sempre em desvantagem*. Em 2005, a Landscape lançou *Quem matou Nola Payne*, que o escritor George Pelecanos considerou a obra-prima de Mosley.

Repórter, produtor de cinema e televisão, Pelecanos dedica-se, desde 1992, a escrever livros policiais que se passam em Washington, onde é grande o número de negros pobres. Dois de seus romances foram traduzidos pela Companhia das Letras: *Preto no branco* e *Revolução difícil*. No primeiro, um negro é baleado e morto pela polícia no momento em que está de arma apontada para um branco. Em meio à confusão, o autor dos disparos não ouviu o outro se identificar como policial. Teria havido preconceito? Para o detetive particular Derek Strange, contratado para investigar o caso, não resta dúvida de que alguém morreu simplesmente pelo fato de ser negro. Em *Revolução difícil*, publicado nos EUA em 2004, vamos encontrar o mesmo Derek Strange com 21 anos e trabalhando como policial em Washington, às vésperas do assassinato de Martin Luther King, em 1968, que desencadeou uma revolta entre a população negra da cidade. Bom paca.

As damas

Mulher sempre foi chegada num crime. Há dois tipos: as que preferem veneno e as que vão de tesoura. Se a distinta for britânica então... A tradição nas ilhas, que já deram Agatha Christie e a *dame* Ngaio Marsh, mantém-se em alta com P. D. James e Ruth Rendell, criadoras, respectivamente, de Adan Dalgliesh e Reginald Wexford. São romances caudalosos, para ler num sábado chuvoso, trancado em casa, esquecendo-se da vida lá fora. Réquiem para a texana Patricia Highsmith, morta em 1995, a rainha do policial psicológico. Fala quem entende do riscado, Graham Greene, para um final tipo quarta-capa: "Uma escritora que criou um mundo – um mundo claustrofóbico e irracional no qual sempre adentramos com uma sensação de perigo".

NICK HOFMANN É O 1º DETETIVE GAY ASSUMIDO

NO BRASIL, O DELEGADO ESPINOSA É O MAIS CRÍVEL

AGATHA CHRISTIE DEIXOU DISCÍPULAS NA ARTE DE MATAR

■ Maigret, romance policial e psicológico

Rodrigo Camarão

Jules Maigret bem que podia ser aquele tio corpulento e carrancudo, aposentado, torcedor do América, que leva a mulher para o almoço de domingo com a família. Mas a criação mundialmente famosa de Simenon preferiria enfileirar seus cachimbos, pedir dois sanduíches e uma garrafa de cerveja na *Bresserie Dalphine*, ao lado da sede da Polícia Judiciária parisiense. Antes de começar mais um daqueles longos interrogatórios, nos quais invariavelmente o criminoso capitula, Maigret lembra-se de telefonar para a mulher e avisar que não vai jantar em casa. Quando, finalmente retorna, madrugada alta, desabotoa o sobretudo entre o segundo e o terceiro andares, pega as chaves do apartamento da Boulevard Richard-Lenoir e dá boa-noite a Louise.

Os detetives que descendem dos pais do romance policial moderno – Auguste Dupin, Sherlock Holmes, Hercule Poirot – são mais verossímeis, mais humanos. Vivem. Há momentos, durante uma investigação, que Maigret não sabe o que fazer. Perdido, torna-se trombudo, emburrado e calado. O estado de espírito já é conhecido dos colegas de trabalho do *Quai des Orfèvres*. Sabem que é melhor não mexer com Maigret quando o chefe está assim.

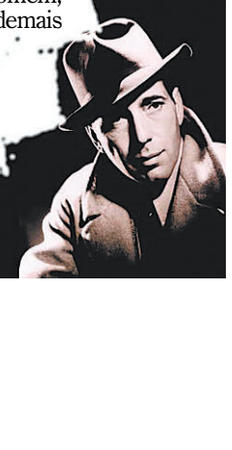
No final tudo se acerta, mas não é exatamente essa a importância de Simenon no romance policial moderno. Quem matou fulano-de-tal não é o primordial, embora sempre haja crimes a desvendar – e Maigret o faz muito bem, antes com persistência que com raciocínio lógico e dedutivo. Maigret é um policial que gosta de apontar uma lupa para a vida das vítimas, imiscuir-se no seu cotidiano, saber do que gostavam de fazer, de comer, onde passeavam ou trabalhavam. O leitor é envolvido, assim como Maigret, numa nova atmosfera. O ambiente é personagem à parte. O nome do assassino surge daí, quase naturalmente.

Os romances de Simenon são tão psicológicos quanto policiais. Aliás, é raro encontrar nas 76 novelas e contos em que Maigret aparece cenas em que o comissário tenha sacado sua arma.

Por isso mesmo, os livros de Simenon não respeitam as regras básicas criadas por G. K. Chesterton em *Como escrever uma história de detetive*. O assassino não costuma ser um personagem central. Muitas vezes, aparece de forma discreta e ganha importância gradualmente, é encontrado por Maigret e *c'est finis*.

O comissário não usava bigodes pontudos ou costeletas. Maigret era uma figura gigantesca, de grande ossatura, impossível de passar despercebida. Barbeava-se todas as manhãs e ia ao cinema semanalmente. Às vezes, encontrava uma foto sua no jornal. Não passava muitas informações aos jornalistas que o procuravam, mas já recorreu a anúncios de jornal para atrair criminosos que procurava – a estratégia foi inaugurada por Auguste Dupin, em 1841. Assim, o detetive de Edgar Allan Poe, que lia pensamentos do interlocutor, encontrou o assassino da Rua Morgue: um orangotango.

Simenon leu muito Conan Doyle e criou o antípoda de Sherlock Holmes. Um homem como Maigret, capaz de mobilizar metade dos policiais de Paris, montar grande cerco para prender um único homem, convenhamos, é elementar demais para qualquer Sherlock.

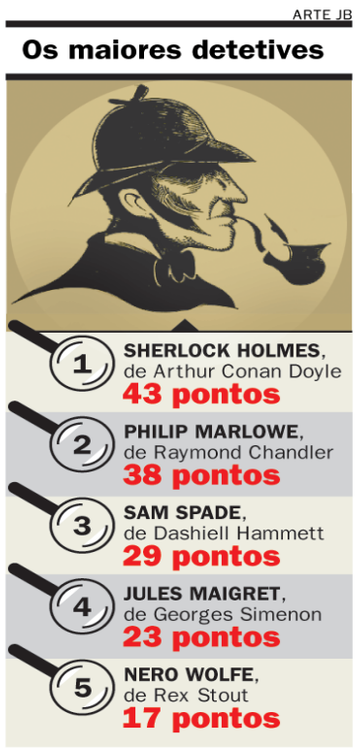


RENATO DALCIN/ARTE JB

CYAN MAGENTA AMARELO PRETO

ENQUETE ■ Para 20 apreciadores da literatura policial, Sherlock Holmes continua imbatível

ARTE JB

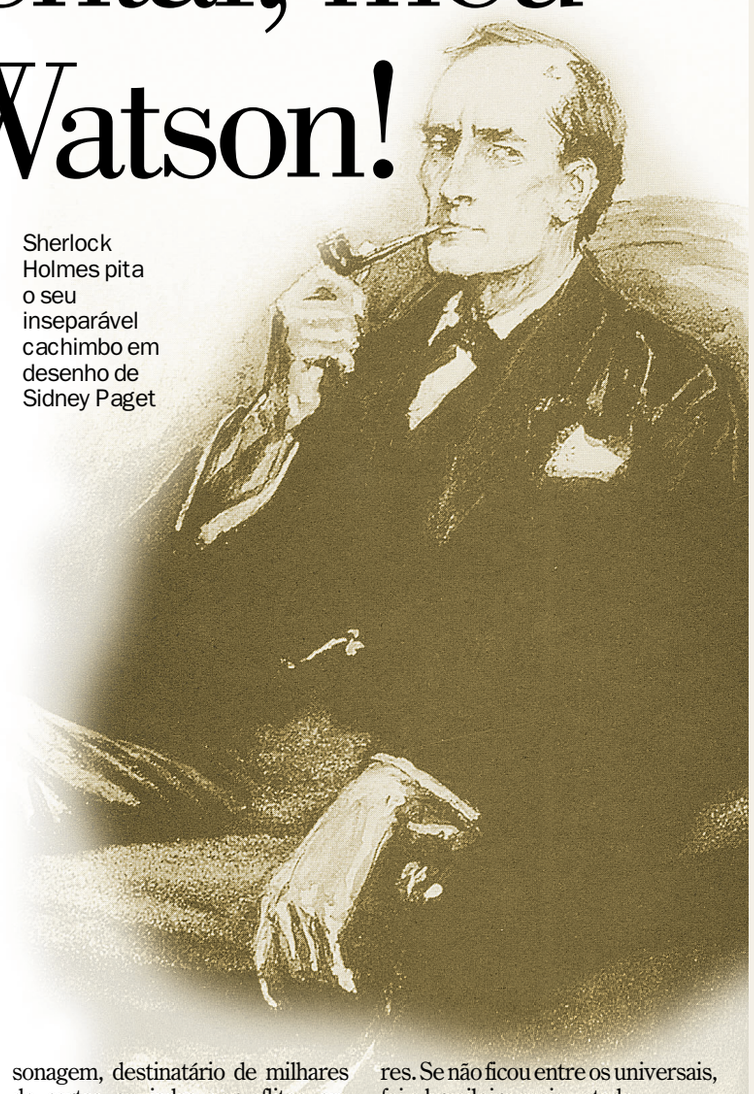


FOTOS DE ARQUIVO


Marcos Palmeira e Giane Albertoni em cena da minissérie 'Mandrake': o advogado-detetive de Rubem Fonseca é um conquistador

Elementar, meu caro Watson!

Vivian Rangel


Sherlock Holmes pita o seu inseparável cachimbo em desenho de Sidney Paget

Matthew Scudder é devassado pelo álcool, abandonado pelas mulheres e tem o charme de um personagem autobiográfico. Espinosa é carioca e dotado de uma ética que confirma seu nome de filósofo. *Miss* Marple é uma velhinha tão doce quanto inteligente, que dissolve mistérios sem perder a hora do chá. Nero Wolfe e Pepe Carvalho não dispensam uma bela criação culinária entre uma pista e outra. Sam Spade faz sexo mas não gosta de mulheres, e Maigret investe na abordagem psicológica. Modernos ou peculiares, nenhum dos detetives foi capaz de desbancar Sherlock Holmes, o erudito inglês – rei dos disfarces e especialista em violino e boxe. Criado no século 19 por Arthur Connan Doyle, é o maior detetive de todos os tempos segundo enquete realizada pelo *Idéias*.

A eleição foi decidida por 20 escritores, cineastas e editores, alguns acostumados a trabalhar com os mistérios literários, outros apenas fãs do gênero. O resultado – quase elementar, para lembrar a frase famosa que o personagem jamais disse – confirma a definição de G.K. Chersterton: Holmes é tão familiar quanto Shakespeare.

A cada um dos votantes foi pedida uma lista com cinco nomes. Para a eleição, o primeiro da lista recebia 5 pontos, o segundo 4 e assim sucessivamente. Na soma, Sherlock Holmes abocanhou 43 pontos. Resultado mais do que merecido para o escritor Flávio Moreira da Costa:

– Holmes é o pai de mais da metade dos autores do gênero (por sua vez, filho de Inspetor Dupin, de Edgar Allan Poe) – define o escritor. –Ele encarna a fórmula do detetive racional e intelectualizado que age em dobradinha com um auxiliar, neste caso o Dr. Watson.

Sinônimo de detetive particular para o editor Edmundo Barreiros, o investigador é o maior de todos, dentro de suas controvérsias.

– Ele é tão carismático e inovador, que mesmo misógino e cocainômano é sucesso até entre crianças.

Sherlock Holmes está presente nas listas de 12 dos entrevistados. É uma "ícone da racionalidade", para o escritor Luiz Garcia-Roza, ou o mais engraçado, de acordo com Flávio Carneiro. Houve até quem tentasse evitar o cânone sherlockiano, mas não resistiu.

– Cheguei a pensar em não mencioná-lo para fugir do lugar-comum – confessa o escritor Eduardo Goldenberg. – Mas como fazê-lo diante da absurda forma que tomou o personagem, destinatário de milhares de cartas enviadas por aflitos em busca de soluções não encontradas pelas polícias de todo o mundo?

Maior detetive americano – na opinião do sociólogo Muniz Sodré – Philip Marlowe, personagem de Raymond Chandler, abocanhou um segundo lugar mais que honroso. Segundo o escritor Rafael Cardoso, ele não é não apenas o primeiro da lista, mas o único.

– É um personagem e tanto, principalmente por ser um alter-ego do Chandler – opina. – Tem a fala afiada de um dos grandes escritores do século 20 e um espírito rebelde sem causa, *à la* Marlon Brando.

Sam Spade, de Dashiel Hammet, é o primeiro para Ivan Lessa, talvez pelo mérito de ter desafiado o perfil clássico de Holmes, racional e enfurnado em escritórios. Em terceiro lugar na enquete, Spade ficou à frente de Jules Maigret, o preferido do escritor Reginaldo Prandi:

– Maigret é um autor econômico, centrado na ação e muito simpático – define. – Gosto dele porque ele faz com que a descoberta do crime dependa mais da situação que o envolve que da investigação em si.

Nero Wolfe, gorducho semeador de orquídeas, levou o quinto lugar na lista, apenas dois pontos à frente de Mandrake, criação de Rubem Fonseca, que por pouco não emplacou uma representação brasileira na lista dos cinco maiores investigadores. Se não ficou entre os universais, foi o brasileiro mais votado.

Para Flávio Carneiro, Auguste Dupin seria o primeiro da lista se sefosse levar em conta apenas a importância do seu papel na criação do gênero. Mas o favorito é mesmo Mandrake:

– Gosto de detetives que consigam temperar cinco ingredientes: perspicácia, intuição, experiência e humor. Mandrake é mais interessante porque imagina mais – opina Carneiro.

O personagem de Fonseca fica em terceiro nas escolhas verde-amarelas de Aldir Blanc, fã do peculiar doutor Leite, de Luiz Lopes Coelho. A lista de Paulo Caruso é curiosa: inclui o inspetor Closeau de Peter Sellers e Tintin, o jornalista magrinho de Hergé. Claudia Mattos até tentou defender as mulheres – tão escassas ao protagonizar histórias de crimes – elegendo a legista Kay Scarpetta, de Patricia Cornwell. E entre padres (Brown, de Chesterton), psicanalistas (Michel Durand, de Jean-Pierre Gattegno) e beberrões (Matthew Scudder, de Lawrence Block) não faltou nem mesmo um ladrão. Arsène Lupin foi citado por ser uma divertida inversão da figura detetivesca. Feliz o grande Holmes que em 1910 se aposentou para criar abelhas.

COLABORARAM ALINE NASCIMENTO E MARIANA FILGUEIRAS

Quem votou em quem

Ivan Lessa
Escritor
1- Sam Spade
2- Philip Marlowe
3 - Sherlock Holmes
4 - Spenser (Robert B. Taylor)
5- Matthew Scudder

Luiz Alfredo Garcia-Roza
Escritor
1- Auguste Dupin
2- Sherlock Holmes
3- Sam Spade
4- Philip Marlowe
5- Jules Maigret

Muniz Sodré
Sociólogo
1- Auguste Dupin
2- Sherlock Holmes
3- Arsène Lupin
4- Philip Marlowe
5- Padre Brown

Mario Prata
Escritor
1- Sherlock Holmes
2- Miss Marple
3- Hercule Poirot
4- Jules Maigret
5- Sam Spade

Flavio Carneiro
Escritor
1- Mandrake
2 - Sam Spade
3- Sherlock Holmes
4- Dom Isidro Parodi (Borges e Bioy Casares)
5- Auguste Dupin

Flávio Moreira da Costa
Escritor
1- Sherlock Holmes
2- Sam Spade
3- Philip Marlowe
4- Jules Maigret
5- Nero Wolfe

Paulo Roberto Pires
Editor
1- Sam Spade
2- Philip Marlowe
3- Tom Ripley
4- Michel Durand (Jean-Pierre Gattegno)
5- Espinosa

Marçal Aquino
Escritor
1- Philip Marlowe
2- Sherlock Holmes
3- Mandrake
4- Sam Spade
5- Maigret

Edmundo Barreiros
Editor
1- Sherlock Holmes
2- Philip Marlowe
3- Ed Caixão e Jones Coveiro (Chester Himes)
4- Nero Wolfe
5- Pepe Carvalho

Reginaldo Prandi
Escritor
1- Jules Maigret
2- Nero Wolfe
3- Rabbi David Small (Harry Kemelman)
4- Matthew Scudder
5- Inspetor Adamsberg (Fred Vargas)

Tony Bellotto
Escritor
1- Philip Marlowe
2- Continental Op
3 - Sherlock Holmes
4- Archie Goodwin
5- Lew Archer

Aldir Blanc
Escritor
1- Doutor Leite (do Luiz Lopes Coelho)
2- Espinosa
3- Mandrake
4- O tira Venício (Joaquim Nogueira)
5- O delegado Epifânio (Nani)

Paulo Caruso
Chargista
1- Ed Mort
2 - Inspetor Clouseau
3 - Corto Maltese
4 - Sam Spade
5 - Tintin

Claudia Mattos
Escritora
1- Kay Scarpetta
2- Hercule Poirot
3- Jules Maigret
4- Porto Brandão (José Prata)
5- Duca Lamberti (Georgio Scerbanenco)

Fausto Wolff
Escritor
1 - Nero Wolfe
2 - Jules Maigret
3- Lew Archer
4- Philo Vance
5- Miss Marple

Cesar Landucci
Editor
1- Salvo Montalbano
2- Lincoln Rhyme (Jeffery Deaver)
3- Hieronymous Bosch
4- Sherlock Holmes
5- Hercule Poirot

Rubem Mauro Machado
Escritor
1- Jules Maigret
2- Philip Marlowe
3- Sam Spade
4- Sherlock Holmes
5- Hercule Poirot e Jane Marple

Eduardo Goldenberg
Escritor
1- Nero Wolfe
2- Espinosa
3- Sherlock Holmes

Flávio Tambellini
Cineasta
1- Detetive Guedes (Rubem Fonseca)
2- Mandrake

Rafael Cardoso
Escritor
1- Philip Marlowe

Livraria Leonardo Marios
COMPRO LIVROS
Rua da Constituição, nº 20 • Tel.: 2224-1867 Gibis e Revistas